

URB MOV RJ

CPV-CENTRO DE DOC E PESQUISA VERGUEIRO
R. Sao Domingos, 224
Bela Vista
Sao Paulo SP 01.326-000

IMPRESSO

P/A

SE
LIGA
NO

Sinal

CPV
10 JAN 2002
Setor de Documentação

Caderno S
Encarte nº6
Comunicação

DH

LEOPOLDINA
28.11.01
RS
00,60

Informativo do CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas
da Leopoldina
Ano X - Número 48 - jul/ago/set 2001

Uma pesquisa: religiosidade popular e saúde **3**



Uma história: o Parque Proletário da Penha

Uma proposta: a carta da Serra da Misericórdia **6**

A construção de um sonho: a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto **7**

PÁGINA CENTRAL

JORNAL TRIMESTRAL
PUBLICADO PELO
CEPEL - CENTRO DE
ESTUDOS E
PESQUISAS DA
LEOPOLDINA,
ENTIDADE SEM FINS
LUCRATIVOS PARA
ASSESSORIA AOS
MOVIMENTOS DA
REGIÃO DA
LEOPOLDINA

**COMISSÃO
EDITORIAL**

Cristina M. (Kita) Eitler
Carla Moura
Fernando C. R. Fernandes
Homero T. de Carvalho
M. Eugênia (Kena) U. Silva
Victor Vincent Valla

APOIO

ADMINISTRATIVO
Maria de Fátima Correia S.

**JORNALISTA
RESPONSÁVEL**

Homero T. de Carvalho
(Mtb 1127/05/65v -PR)

PROJETO GRÁFICO

Caco Chagas
Kita Eitler

EDITORIAÇÃO

Zona Criativa (2205 3220)

CAPA

Kita Eitler sobre óleo de
Lasar Segall - Paisagem
Brasileira, 1925.

APOIO

KFS
JUVENTUDE CATÓLICA
AUSTRIACA
ENSP/FIUCRUZ

*O CEPEL autoriza a
reprodução total ou
parcial dos artigos
deste jornal, bem como
sua utilização para fins
educativos. Solicitamos
citação da fonte e o
envio de cópia em caso
de publicação.*



EDITORIAL

ASSIM CAMINHAM OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Conhecer e compreender as mudanças na vida da população. Sem preconceito.

CEPEL é uma organização não governamental (ONG) que não representa um partido político e nem um centro religioso específico. Por que, então, é que o CEPEL propõe uma pesquisa sobre a religiosidade popular e saúde como uma das suas atividades principais? A proposta principal do CEPEL é a defesa do direito a que toda a população tenha condições de vida dignas, isto é, três refeições por dia, uma moradia confortável, um emprego com salário justo, uma escola pública de qualidade para os filhos, serviços de saúde que resolvem os problemas de quem os procura e uma polícia que garanta a segurança de toda a população.

No entanto, sabemos que essas condições de vida não existem para toda a sociedade e,

em particular, para as pessoas que moram em favelas, bairros pobres e na rua. Uma das razões para a existência de partidos políticos e movimentos sociais populares (por exemplo, o PT, o PDT, o PSB e o MST) é batalhar para que os governos (federal, estaduais e municipais) apliquem os impostos, que todos pagamos, para que nossa vida seja mais digna e confortável.

Mas, mesmo com todos os partidos políticos e movimentos sociais, a opinião do CEPEL é de que uma grande parte da própria população, que mais necessita de melhoria de condição de vida, não está envolvida nem nestes partidos, nem nos movimentos sociais. Aparentemente, as pessoas que são das classes populares, não estariam muito ligadas a essas organizações e como resultado, aparentemente, não estariam preocupadas em ter uma vida melhor.

Ou será que nós não estamos entendendo bem o que se passa com as pessoas com poucos recursos no nosso país? Enquanto nós dizemos que essas pessoas não se organizam para melhorar suas vidas, as igrejas e os centros religiosos não param de crescer e os moradores de favelas e bairros pobres estão mais e mais presentes nesses espaços. Nós, que não damos muita importância para a religião,

talvez devêssemos nos perguntar o que as pessoas estão vendo e experimentando nas igrejas e espaços religiosos, comparecendo a esses locais até várias vezes por semana.

É possível que a nossa visão de como a população deva se organizar esteja cheia de preconceitos e que essa presença nas igrejas e centros religiosos já indica uma outra maneira de como se ela pode se organizar. A proposta de pesquisar a religiosidade popular é também buscar responder a essas perguntas e dúvidas. Na matéria da página 3, você pode saber mais sobre a

pesquisa que a equipe do CEPEL está realizando sobre a religiosidade.

Outros artigos deste número do Se Liga no SINAL

também procuram mostrar uma realidade que é pouco conhecida do público em geral. Uma realidade que aponta para a iniciativa dos moradores da Leopoldina em resolver seus problemas. Assim, vamos discutir o movimento, que existe há alguns anos, de várias entidades civis de defesa do meio ambiente na Serra de Misericórdia - uma iniciativa da população moradora da região para cuidar de um problema sério de que só agora o governo municipal toma conhecimento. Outro artigo trata da história de um bairro, o Parque Proletário da Penha, onde uma grande parte das soluções dos seus problemas tem sido mais o resultado da organização dos moradores do que dos vários mandatos do governo municipal. E finalmente, uma entrevista com um morador da região da Penha, que montou e mantém desde 98 uma biblioteca popular. Uma iniciativa que demonstra que até na área cultural está presente o esforço de organização da sociedade civil.

Esperamos que este número do SE LIGA NO SINAL ao registrar e divulgar as iniciativas dos moradores da região da Leopoldina, um dos objetivos do CEPEL, colabore também para a compreensão do significado dos seus esforços para garantir sua própria sobrevivência.

"Será que não estamos entendendo bem o que se passa com as pessoas com poucos recursos no nosso país?"



RELIGIOSIDADE POPULAR E SAÚDE

Por que pesquisar?

Victor Vincent Valla

Em conversas informais com a equipe do CEPEL, muitos moradores de favelas, que têm que trabalhar muito para garantir sua sobrevivência, dizem que não acreditam na política e nos políticos. Contam também que é nas igrejas, nos centros espíritas e nos centros de umbanda e candomblé, que sentem-se bem e ganham novas energias para poder enfrentar as agruras da vida. Ora, se as pessoas estão se sentindo bem nesses espaços, entendemos, então, que algo está acontecendo que está fazendo bem para a sua saúde. Se não somos capazes de entender o que está acontecendo com a população, então o problema é nosso, como observadores.

Será que os frequentadores das igrejas e outras instituições religiosas não estão com outra idéia de organização, bem diferente de instituições como os partidos políticos? A busca de repostas a questões como essa é que estão levando o CEPEL a fazer a pesquisa sobre as relações entre religiosidade popular e saúde. Entendemos que os moradores dos bairros populares, mesmo não tendo seguido todos os anos de escolarização, pela sua experiência de vida detêm conhecimento sobre a sociedade e fazem avaliações da realidade brasileira. A religião pode estar contribuindo para essas visões de mundo e talvez por essa razão ela é tão importante para muitos brasileiros.

Em edições anteriores do *Se Liga No SINAL*(*), temos publicado informações sobre o andamento dessa pesquisa e nos perguntamos sempre por que ir a igreja ou ao centro espírita, ao centro de umbanda ou candomblé pode estar fazendo bem para a saúde das pessoas. Neste ponto da pesquisa, já podemos dizer que estar com os outros no ambiente religioso, receber o carinho e o abraço dos outros, vizinhos e amigos, pode fazer bem para a saúde das pessoas. Conviver com pessoas com as mesmas afinidades faz bem para a auto estima e ajuda superar o

estresse (no sentido mais popular da palavra) que atinge as pessoas todos os dias. Principalmente, quando o estresse decorre de problemas no emprego ou o desemprego, da violência dentro e fora da casa, dos baixos salários ou do risco de ficar sem trabalho. Na realidade, não é só nas igrejas ou outros centros religiosos que a pessoa pode se sentir bem e receber o carinho dos amigos e vizinhos, mas são esses os lugares onde isso acontece regularmente.

O estresse afeta os sentimentos e as emoções e quando esses sentimentos são negativos, os corpos das pessoas acabam se enfraquecendo, aumentando a possibilidade de ficar doente. Estar com saúde não é somente não estar doente, mas é sentir-se bem, sentir-se seguro, sentir que se pode contar com os outros, compartilhar problemas comuns. É claro que não é apenas nos centros religiosos que isso pode acontecer, mas muitas vezes, para sentir-se melhor e menos inseguro é necessário gastar muito dinheiro, o que a maioria das pessoas não tem.

Outra razão da pesquisa sobre a relação entre religiosidade popular e saúde é a busca da compreensão do outro como forma de entender toda a sociedade. A questão da saúde é, na realidade, uma questão coletiva, ou seja, resolve-se quando todos podem ter saúde, empregos com salários dignos, sem ter que viver com menos do que necessita. Essas condições só podem ser conseguidas se as pessoas estiverem juntas, buscando entendimentos comuns.



(*) Ver as edições 47 (abr./mai./jun. 2001) – “O Apoio Social: a Convivência Como Terapia” e 45 (out./nov./dez. 2000) – “Saúde e Religião: os Caminhos da Fé até o Bem-Estar”



Carla Moura e Fernando Rosa

4

Falar de qualquer comunidade, é antes de mais nada falar de suas condições de vida, sua luta diária pela sobrevivência, suas formas de organização, sua história. Nesta edição do SINAL, Pastor Josué Aranha, Seu Enoc e Jussara, a Bizuca, contam como tem sido a trajetória da comunidade do Parque Proletário da Penha.

A formação dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro está intimamente ligada ao processo de deslocamento das atividades industriais da área central da cidade. A partir de 1930, há um notável crescimento demográfico e industrial dos subúrbios, resultante do apoio que o poder público passa a dar à industrialização do país. Ao mesmo tempo, as áreas centrais da cidade e a nascente Zona Sul passam a ter grande valorização imobiliária, inviabilizando assim a presença de indústrias e também das favelas nestas áreas.

As indústrias tomam o rumo das estradas de ferro, em busca de terrenos mais baratos no subúrbio. Entre estas estradas temos até hoje a Estrada de Ferro da Leopoldina, que em muito impulsionou o crescimento populacional da região que recebe o seu nome.

Seguindo as indústrias, a população pobre vai morar no subúrbio, em busca de emprego. Nessa época, boa parte da população se deslocou das áreas centrais da cidade expulsa pelo poder público, uma vez que juntos com as indústrias, "enfejavam" o Centro e a Zona Sul, "atrapalhando" os interesses especulativos do mercado imobiliário. Até hoje, algumas favelas, como é o caso da Rocinha resistem à perseguição, mas outras não tiveram a mesma sorte, como é o caso da comunidade que morava no extinto Morro do Castelo, que depois de várias vezes ser expulsa, ficou sem teto - o poder público resolveu

"expulsar" o morro do centro da cidade, originando com seu desmonte, o Aterro do Flamengo.

A fundação: a Igreja e a comunidade

A história da Igreja Presbiteriana Unida da Vila Proletária da Penha (ou Parque Proletário da Penha, o PPP, como é conhecido) se confunde com a história da própria comunidade. Três de seus membros, o Pastor Josué, Seu Enoc e Bizuca (Jussara), que estão na comunidade há mais de 40 anos, dão exemplos da história intensa de lutas em prol da melhoria da qualidade de vida do lugar em que vivem.

A comunidade foi organizada em 1954, numa parte do terreno pertencente à Irmandade da Penha, e associação de moradores passou a funcionar quase que imediatamente. Suas dimensões são de 1.000 metros de comprimento por 800 metros de largura, a partir da Estrada José Rucas. Calcula-se que a comunidade possuía de 50 a 55 mil habitantes, mas não existem dados oficiais, uma vez que o PPP é incluído na contagem demográfica da Penha. Havia inicialmente, a idéia de construir um cemitério na área, mas como a parte de baixo era um brejo, descartou-se essa possibilidade. Devido a um incêndio ocorrido na favela da Mamona no Caju e a necessidade de ampliação da área da zona portuária, o então governador Carlos Lacerda mandou as pessoas que moravam na favela do Arará para a Vila Proletária da Penha. Comenta-se que, nessa época, era comum a prática de incêndios

criminosos, com o objetivo de expulsar a população das favelas.

Em 63, as ruas do Parque Proletário da Penha começaram a ser abertas. Foi colocada uma

caixa d'água de 820 mil litros, a 90 metros de altura e 3 bombas, com 80 cavalos de força, que ainda hoje abastecem a comunidade, bem como parte da comunidade da Cascatinha e parte da Rua Aimoré. Antes disso, a água passava a um quilômetro de distância e havia algumas nascentes de água não potável que eram usadas pela população para completar sua necessidade de uso da água. Todo o encanamento foi comprado pelos moradores. Bizuca lembra do sofrimento que era carregar água para criar seus 4 filhos.

Em 65, Flexa Ribeiro, candidato de Lacerda, perdeu as eleições e todas as obras pararam. Então a associação de moradores assumiu a conservação das obras já existentes. Na mesma época, foi fundada uma creche na associação de moradores, que funciona até hoje e pode atender até 100 crianças.

A ditadura militar: a falta de diálogo

Durante o período do regime militar não houve nenhum tipo de interlocução do poder público com a comunidade. Já em 83, havia 8.500 moradias e um problema crônico de falta de água. Segundo o Pastor Josué, "as pessoas atiravam e furavam outras por causa de água." O governo da época construiu uma rede de água e a situação melhorou em 80%. Em 84, a comunidade conseguiu a implantação do Projeto Mutirão, que melhorou a rede de água e



"Uma preocupação da comunidade é a falta de emprego e de alternativas de geração de renda."

em 1995 voltou a faltar água na comunidade. O governo da época, então, instalou a terceira rede de água.

O Pastor Josué coordenou este Projeto durante 12 anos. Nessa mesma época, a Igreja organizou passeatas e levantamentos para conseguir abastecimento de luz elétrica diretamente da Light.

Mas a história se repetiu e em 1995 voltou a faltar água na comunidade. O governo da época, então, instalou a terceira rede de água.

A igreja presbiteriana conseguiu também a inclusão de uma linha de ônibus que servisse a comunidade e a titulação da terra. Para isso, hospedou por seis meses a CEHAB (Companhia Estadual de Habitação) para cadastramento dos moradores, que pagaram apenas um preço simbólico pelo título de propriedade do seu imóvel - até hoje, é a única comunidade com titulação de terra. Mais recentemente, conseguiu o asfaltamento da Travessa Aimoré e está iniciando uma luta pela implantação de um posto de saúde na comunidade, que é muito necessário.

Seu Enoc enfatiza que as igrejas presbiterianas "são muito propensas ao lado social", pois, acredita "que as pessoas com fome não podem se relacionar com Deus. O evangelho veio provar a existência da grande sabedoria de Deus através do povo que somos nós." Ele trabalha na associação de moradores há 17 anos e diz também que "na Igreja Presbiteriana, a cidadania é exercida com os seus irmãos, onde se pode repartir a alegria, repartir problemas e se pode conviver de tal forma que o cristianismo é evidenciado."

O desafio da geração de renda

O Parque Proletário da Penha é relativamente bem servido de Escolas Públicas de 1º Grau, mas faltam escolas de 2º Grau e de educação para adultos. Atualmente, os jovens precisam trabalhar e a oferta de aulas à noite torna-se cada vez mais importante.

Uma preocupação da comunidade é a falta de emprego e de alternativas de geração de renda. Bizuca lembra que, além de oferta de ensino regular, há também necessidade de projetos específicos na área de educação sexual, pois assusta-se com o número de meninas de 12 e 13 anos grávidas, na comunidade.

Outro grande problema do PPP é a falta de creches comunitárias. Além da associação de moradores, a Igreja Presbiteriana oferece o serviço. Por não ter nenhum tipo de apoio, a creche, que pode atender a até 100 crianças, hoje mantém com muita dificuldade, apenas 40. São

inúmeras as tentativas de convênio feitas com a SMDS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social), mas sem sucesso,

pois as exigências feitas são tantas que as creches que podem cumpri-las, já possuem de antemão, recursos suficientes. Fica no ar a pergunta: como sair desse círculo vicioso?

O Parque Proletário da Penha é maior do que muitas cidades do país,



Área Pesquisada

1. Jardim América
2. Vigário geral
3. Parada de Lucas
4. Cordovil
5. Braz de Pina
6. Penha Circular
7. Penha
8. Olaria
9. Ramos
10. Bonsucesso

mas não possui nenhuma biblioteca e nenhum curso profissionalizante. A paisagem é muito árida e o mutirão de reflorestamento ainda não chegou na comunidade. Não há espaços livres nem área de lazer - o único parque do bairro, o Ary Barroso, está muito deteriorado.

A vida comunitária

Pastor Josué, Seu Enoc e Bizuca (Jussara), com outras lideranças, sempre tiveram vontade de incrementar a instalação de uma sede social para a comunidade, mas ainda não descobriram possibilidades de viabilização.

Quanto às manifestações culturais na comunidade, Bizuca lembra que antigamente organizava festas de rua e os moradores participavam muito. Hoje em dia, em virtude da violência urbana, as pessoas evitam a permanência na rua à noite. Há seis anos, ela trabalha com alfabetização de adultos, mas este ano não conseguiu continuar por falta de apoio, o que lamenta, pois acredita que ainda há muitas pessoas na comunidade que necessitam aprender a ler.

Vivendo ainda com muitas necessidades não atendidas no seu dia a dia, a população está presente nas mais de trinta pequenas igrejas evangélicas que existem na comunidade.

O CEPEL, em articulação com a associação de pastores, grupo recentemente constituído, está procurando concentrar no Parque Proletário da Penha, a sua pesquisa sobre as relações entre

religiosidade popular e saúde. A associação de pastores é entendida como uma iniciativa pioneira para a criação de um importante espaço de união entre as igrejas em prol da vida espiritual e material dos moradores da comunidade.



5

Caderno

Ano 1 - Nº 6
Encarte do SINAL Nº 48
jul/ago/set 2001

Página 2

SALA DE NOTÍCIAS

informar para educar

Página 3

RÁDIO COMUNITÁRIA:

a democracia no ar

Página 4

GERAÇÃO FUTURA:

os jovens na produção de TV

EDITORIAL

Comunicação e cidadania, o alimento da democracia

Neste número do Caderno S estamos publicando três artigos que falam de experiências de comunicação em curso no país. Dois deles contam a experiência de produção de programas de televisão do Canal Futura(*), e um outro refere-se à trajetória de construção da rádio comunitária no Brasil.

Todos devem estar se perguntando agora, como nós do CEPEL nos perguntamos, o que práticas de comunicação tão distintas, uma empresarial e outra eminentemente pública, teriam em comum para estar presente lado a lado neste encarte temático do Se Liga no SINAL? Arriscamos dizer que o que as identifica é a presença diferenciada do público, não só como audiência, mas também na produção dos programas.

No caso da rádio comunitária, esta presença do público faz parte da própria proposta de democratização dos meios de comunicação no país. Nas propostas do Canal Futura, uma iniciativa da Fundação Roberto Marinho viabilizada financeiramente por outras 14 empresas e instituições, o público está presente de formas diferenciadas: na criação, como no programa Geração Futura, e na definição da linha editorial de um outro, o Sala de Notícias, voltado para o público escolar. Neste caso, o programa procura diretamente o seu público nas escolas, onde ele é utilizado como material de apoio ao currículo das diversas matérias, buscando atingir uma "audiência dirigida".

Pode-se dizer ainda que, nas práticas de comunicação apresentadas, com maior ou menor intensidade, o público, não é mais entendido apenas como uma massa manipulável de consumidores, mas como cidadãos portadores do direito de comunicar, cujo exercício, entre outros, é indispensável para a viabilização da democracia no Brasil.

(*) No Rio de Janeiro o Canal Futura está disponível no Canal 32, da operadora Net Rio (TV a cabo). Em outras cidades, nas operadoras da Globosat (TV a Cabo) ou pela Banda C (antena parabólica).



PENSAR EDUCAÇÃO, FAZENDO TELEVISÃO

2

O Futura é um canal exclusivamente dedicado à Educação. Sua programação não se restringe à educação escolar, mas entende sua missão como educar no sentido mais amplo – como comunidade de conhecimento, congregando diferentes organizações e público das diversas faixas etárias. Seu compromisso tem sido concretizado nos seus diversos programas, entre eles, o Sala de Notícias. (Lourdes Atié)

O programa Sala de Notícias é realizado pelo Núcleo do Jornalismo e tem como foco discutir temas da atualidade numa perspectiva educativa. Isso significa dizer que os assuntos que já estão na mídia são tratados no programa de forma diferenciada – porque, de modo geral, estes acabam carregando uma tendenciosidade editorial ou são explicados de forma pontual.

O Sala de Notícias procura explicar a origem de cada assunto, seu percurso histórico, para que o público possa entender a notícia atual, posicionar-se e relacioná-la com o seu cotidiano. Com isso, busca-se responder, através dos temas selecionados, perguntas básicas – o que significa isso? Desde quando isso está assim? Por que está assim? Que saídas / alternativas existem? O que isso tem a ver com a minha vida?

A proposta do programa é garantir o pluralismo no desenvolvimento de cada assunto para evitar visões parciais, mantendo o compromisso com a ética. A equipe acredita que este é o melhor caminho para a formação de um público crítico e consciente, e sem dúvida cidadão.

O formato do programa

Os programas do Sala de Notícias são temáticos, tendo em média quinze minutos de duração, sem intervalo. Os temas são agrupados por área, para que possamos contemplar aspectos da realidade, sem torná-lo apenas escolar, afinal. São abordadas as seguintes áreas: Economia e Política; Ciências e Tecnologia; Saúde; Meio Ambiente; Comportamento e Cultura. Para se ter

uma idéia da variedade dos assuntos tratados, os mais recentes foram: conflito Palestina x Israel; gravidez na adolescência; aposentadoria; esgoto; trabalho infantil; funk; salário mínimo, aposentadoria; cirurgia plástica; etc..

A estrutura dos programas segue, em linhas gerais, uma mesma ordem: parte de uma notícia que está sendo veiculada na mídia, traça um percurso histórico para que se entenda de onde vem o que acontece hoje; apresenta informações atualizadas; entrevista especialistas com pontos de vista diversificados; t r a z depoimentos de pessoas em geral, comentando algum aspecto do assunto e apresenta um fechamento-síntese.

S ã o muitos os desafios enfrentados pela equipe para colocar cada programa no ar. O maior deles é o tempo, pois são dois programas inéditos toda semana. Isso significa: definir pauta, estudar os assuntos escolhidos, buscar especialistas, marcar entrevistas, fazer matérias, pesquisar nos arquivos matérias sobre os assuntos e selecionar e traduzir a matéria da CNN, a emissora de notícias que apoia a proposta, que vai fazer parte do programa.

Outro desafio é contextualizar o tema, respondendo as questões colocadas no começo do texto. Cada assunto tem que ser desenvolvido, unificando as linguagens e relacionando o conteúdo com a vida das pessoas,

ou seja, com os problemas que dizem respeito à vida da comunidade.

O Sala de Notícias na escola

Em um cenário de múltiplas transformações no que se refere à educação no Brasil, novas leis e referenciais foram criados para garantir a democratização do acesso ao conhecimento. O Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais para os todos segmentos escolares, que compõem a Educação Básica, tendo por base a nova Lei de Diretrizes e Bases da Edu-

cação Nacional.

Também adotou o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, onde se entende a educação como utopia necessária, partindo de quatro premissas para a educação na so-

ciedade contemporânea: aprender a conhecer; aprender a conviver; aprender a fazer; aprender a ser.

Considerando esses princípios, o programa Sala de Notícias propõe ao público, então, a oportunidade de pensar sobre o conteúdo dado na escola não se limitando a ele mas, ao contrário, abrindo novos enfoques, críticas e informações atualizadas que a televisão disponibiliza. Assim, é possível romper com a visão segmentada e parcial do conhecimento.

Várias escolas estão utilizando os programas do Sala de Notícias para enriquecer os conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula. O resultado tem sido uma grande aprendizagem – para quem aprende e para quem ensina.



NO AR, AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS, UMA CONQUISTA DE TODOS NÓS

Presença das emissoras nas comunidades estimula a participação popular, da produção à audiência interessada.

jul
ago
set
00

3

O rádio é o meio de comunicação mais popular do Brasil e isso se deve a sua linguagem de fácil compreensão por todas as classes sociais, como também pelo seu baixo custo. Estes dois aspectos, aliados à vontade de participar da sociedade organizada e do exercício da cidadania, são suficientes para explicar o porquê da existência cada vez maior das rádios comunitárias no nosso dia-a-dia.

Estas emissoras surgiram no Brasil na década de 80, a partir do movimento de Rádios Livres e Comunitárias, que tinha como objetivo contestar a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos empresários e políticos. O grupo sofreu forte influência de iniciativas parecidas nos anos 70, na Europa, além da atuação da Igreja Católica através do Movimento Eclesial de Base (MEB), que apostava na educação popular no Brasil.

Depois de quase duas décadas de muita luta e perseguições, o movimento das rádios comunitárias conseguiu a criação da lei 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que regulamentou a Radiodifusão Comunitária. Apesar de ainda ser uma legislação bastante limitadora para a criação e atuação das emissoras de baixa potência, ela foi um reconhecimento da força popular na busca do seu espaço nas ondas do rádio.

Hoje, as emissoras comunitárias estão organizadas nacionalmente na Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO) e recebem apoio político e técnico de diversas instituições, entre elas sindicatos e federações de radialistas e jornalistas, além de organizações não-governamentais. No Rio de Janeiro, algumas ong's, como a FASE, CEMINA, UNIRR e CRIAR BRASIL ajudam na concepção das emissoras, produzem e enviam, gratuitamente, programas e spots de campanhas educativas, além de darem cursos de capacitação.

"A rádio comunitária é um espaço de troca de idéias, de lazer, de cultura, de educação e de consciência da realidade local."

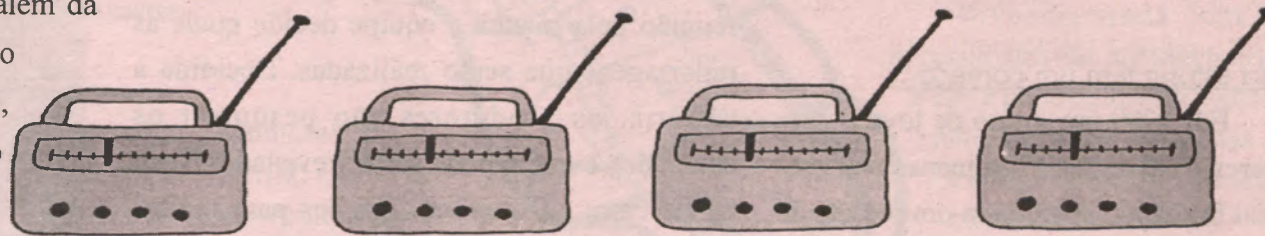
O s principais resultados desse trabalho têm sido desmistificar o rádio, mostrando que ele pode ser utilizado pela população para expressar suas idéias, e a

necessidades.

A programação também tem que estar aberta para todas as iniciativas e tendências locais. As várias correntes religiosas, os muitos ritmos musicais, as diversas opiniões devem ter seu espaço garantido. E de preferência, com base em uma rápida pesquisa com os moradores para saber o que mais agrada e se espera.

Não adianta pensar em uma emissora comunitária nos mesmos moldes das rádios comerciais existentes. São objetivos diferentes. Apesar do meio rádio ser uma concessão pública e, portanto, ter um compromisso com toda a população, na prática ele vira uma empresa, com interesses financeiros e particulares.

Na verdade, rádio comunitária é um espaço de troca de idéias, de lazer, de cultura, de educação e de consciência da realidade local. Isso



conscientização dos radialistas comunitários sobre a importância da emissora atender às expectativas da sociedade local.

O que no início era a rádio de alguns poucos empreendedores, agora passou a ser do conjunto de moradores e entidades que compõe a comunidade. E para isso, a emissora deve ter o seu estatuto, ata de fundação, conselho gestor e reuniões regulares para traçar as prioridades e

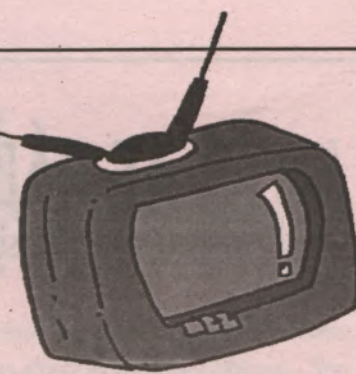
tudo, lógico, com animação, bom humor, música, serviços e participação dos ouvintes.

A expressão "é conversando que a gente se entende" nunca foi tão verdadeira como em uma emissora comunitária. Porque ali se fala a mesma língua, os ouvintes viram falantes e se tem o rádio ao alcance de todos.

(Alexandre Bebiano – jornalista, publicitário e coordenador da ong CRIAR BRASIL)

Ca
der
no
S

TV E JUVENTUDE: ENCONTROS POSSÍVEIS



Você pode mudar: basta querer e acreditar.
 Você pode fazer: então faça acontecer.
 Cidadania e expressão, essa é a cara do Geração!
 (Wagner Paiva, 20 anos, Projeto Maxambomba)

Jovens de todo o mundo estão em contato todos os dias com novidades tecnológicas. Estas muitas vezes expressam as transformações sociais e econômicas que estamos vivendo e que têm tido grande impacto sobre sua identidade e projetos de vida. A televisão é um dos meios de maior penetração entre a garotada. Mas nem todos os nossos jovens têm oportunidades reais de acesso e apropriação dessas novas tecnologias que lhes permitam transformar suas vidas e contribuir para o desenvolvimento de sua comunidade, de sua cidade e de seu país.

Desde 1998 o Canal Futura refletia sobre sua programação para jovens. Nos perguntávamos: Como incentivar e criar oportunidades para a participação de jovens na produção televisiva? Como desenvolver programas incorporando e dando visibilidade à experiência, ao saber e ao olhar da juventude?

Toda estória tem um começo...

Em 1999 um grupo de jovens produtores da Baixada Fluminense nos procurou buscando apoio para um projeto de capacitação em produção de vídeo. Era a turma do Maxambomba. Eles nos ajudaram a desenvolver o projeto "Geração Futura". Por conta da vontade de atendê-los, realizamos um fórum junto a parceiros, organizações não governamentais que atuam no campo da comunicação e educação, e jovens produtores para refletirmos juntos sobre como o Canal poderia contribuir para a formação destes jovens.

Assim, desde 2000 estamos desen-

volvendo ações no campo da capacitação da produção juvenil em vídeo. Levamos jovens a eventos, fizemos encontros de debates, mostras de vídeo, recebemos escolares para visitas orientadas às instalações do Canal e desenvolvemos oficinas para vivência prática da produção de vídeo junto a profissionais do Canal.

O projeto "Geração Futura" é resultado do amadurecimento da idéia de que o Canal Futura pode e deve atuar junto aos jovens brasileiros no âmbito dos projetos de comunicação educativa. Mas não tem sido um exercício fácil. Não temos como referência outras experiências no Brasil. A cada passo que damos estamos experimentando propostas. E mais, estamos mexendo com nossas idéias, nossos sentimentos e valores. Temos encontrado muitos desafios ...

No compasso da TV, na direção dos jovens

A televisão tem um ritmo de produção muito intenso, muitas vezes enlouquecedor!. Imaginem por exemplo um jornal diário. Numa reunião pela manhã a equipe decide quais as reportagens que serão realizadas. Decidida a matéria, os produtores vão pesquisar os conteúdos e quem pode ser entrevistado. É um tal de entra na Internet, ligações para muitas pessoas... Bem, combinadas as entrevistas, os jornalistas saem com as câmeras e microfones para gravar. Enfrentam as dificuldades com o trânsito da cidade, o barulho, a falta de tempo. Mas não acabou. Agora é preciso voltar para montar o jornal. Colocar as falas do apresentador, os gráficos, a abertura. Daí finalmente é botar a fita no ar. Ufa! Tudo isso em mais ou menos 5 horas.

E o processo educativo? Ah! Ele também é muito dinâmico, criativo, produtivo. Mas exi-

ge um outro ritmo. O ritmo do tomar contato, experimentar, perder o rumo para depois acertar, voltar atrás, desistir e insistir, descobrir, refletir, amadurecer...

As vezes é bem complicado conciliar esses dois tempos. E tem mais... nessa nossa história temos também confrontado os olhares sobre o mundo... Nós, profissionais de TV, muitas vezes incorremos no erro de achar que a nossa maneira de ver as coisas é a verdadeira. E buscar novos olhares exige estar aberto para ouvir ... lidar com as diferenças.

Mas estamos aprendendo. A cada dia, nossos jovens parceiros têm nos mostrado o quanto são sensíveis, inteligentes, criativos, capazes... o quanto ainda temos a aprender com eles: seu espírito de luta, resistência, sua força... seus sonhos... (Regina Bortolini - Socióloga, Mestre em Educação - Núcleo de Conteúdo do Canal Futura)

Participaram do projeto Geração Futura jovens de diferentes organizações:

- 👁 Rio de Janeiro - TV Tagarela/ASPA (Comunidade da Rocinha), CEASM (Comunidade da Maré), Repórter de Bairro/TV Maxambomba (Baixada Fluminense), TV Favela (Comunidade do Santa Marta), Projeto Espelhos da Vida/FIOCRUZ (Leopoldina), CPTV/ Colégio São José (Tijuca), Grupo Nós do Morro (Comunidade do Vidigal), Núcleo de Vídeo/Colégio Santo Inácio (Botafogo), Bem TV (Niterói), Cine em Cena/Grupo Estação (Botafogo), Colégio Estadual Adolpho Bloch (Riachuelo)
- 👁 Vitória (ES) - TV FAESA
- 👁 Recife (PE) - Projeto Escola de Vídeo/ Auçuba
- 👁 Brasília (DF) - Projeto Núcleos Radicais/ Fund. Athos Bulcão -



Carta da Serra da Misericórdia

Entidades lançam propostas para a proteção ambiental se tornar realidade.

6

Wallace Herman Júnior

No dia 26 de agosto, um belo domingo de sol, as organizações que compõem o movimento em defesa da Serra da Misericórdia, lançaram, com festa e debate, a Carta da Serra da Misericórdia, na Lona Cultural de Vista Alegre. O evento contou com a presença de aproximadamente 200 pessoas e um número significativo de grupos organizados da região.

O lançamento público da Carta da Serra da Misericórdia foi uma iniciativa das entidades civis que

compõem o grupo de trabalho local, responsável pela elaboração da Carta, documento conjunto das organizações locais, com um breve diagnóstico sócio ambiental da região e as propostas e reivindicações das entidades. São elas: a Bicuda Ecológica sediada no alto da Vila da Penha, o grupo de ação ecológica Verdejar, do Engenho da Rainha, o Conselho Comunitário de Saúde do Complexo do Alemão (Consa) sediado em Olaria, Os Verdes Ecologia Social atuante em todo o estado e o Cepel que há 12 anos estuda e apoia as lutas da população da região da Leopoldina.

A APARU (Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana) da Serra da Misericórdia foi assinada ainda pelo prefeito anterior, Luis Paulo Conde, em novembro de 2000. Em janeiro de 2001 o prefeito César Maia assinou o decreto de pré-instalação do Grupo de Trabalho da APARU da Serra da Misericórdia, que deveria ser composto por representantes das secretarias que de alguma forma tenham relação com políticas públicas no território de abrangência da APARU (19 bairros e inúmeras favelas), por grupos organizados locais e universidades.

No dia 24 de julho, em audiência das organizações locais acima citadas com o secretário de meio ambiente Eduardo Paes, para a entrega oficial da Carta da Serra da Misericórdia, ficou acertado, entre outras coisas, que o grupo de trabalho seria instalado na semana seguinte e que se iniciaria o processo de demarcação dos eco-limites da APARU.

No dia 27 de julho o secretário assinou uma Resolução nomeando os representantes do poder público no G.T. da APARU da Serra da Misericórdia. Esta comissão ainda não se reuniu nenhuma vez com as entidades locais, embora o decreto

de prefeito previsse a participação da sociedade civil local desde o começo. Lúcia Loureiro, indicada pela secretaria municipal de meio ambiente para a Coordenação do G.T. pediu paciência às organizações locais, pois os técnicos da secretaria de meio ambiente e os representantes das demais secretarias e da Geo-Rio, estão em fase de nivelamento de conhecimentos e dados que têm da região. Após este período, que esperamos que não demore muito, o grupo de trabalho funcionará em sua plenitude com a participação da sociedade civil e das universidades, que muito têm a contribuir para a elaboração participativa e democrática de um Plano Gestor da APARU.

Para se tornar realidade, o Plano Gestor tem de estar contemplado no orçamento municipal e as emendas necessárias devem ser encaminhadas à Câmara dos Vereadores até o final de setembro. Por isso, há pouquíssimo tempo para operar as gestões necessárias para que a APARU da Serra da Misericórdia seja contemplada na dotação orçamentária do município em 2002.

Durante o debate de lançamento da Carta, Ney Rivelto, gerente das unidades de conservação do município, declarou que o mais importante agora é a regulamentação da unidade, saber o que pode e o que não pode ser feito na

APARU, em termos de ocupação, de recuperação e de outros projetos que envolvam outras secretarias. Adiantou também que a delimitação física da área, os chamados eco-limites, está em andamento e será concluída até o final do ano.

O ambientalista Sérgio Ricardo, d'Os Verdes, representante dos grupos locais na mesa do evento, cobrou a participação imediata das entidades locais no G.T. e destacou a importância do conhecimento acumulado que esses grupos têm sobre a realidade local, na elaboração de políticas públicas compatíveis com as demandas sociais e ambientais da região.

Em sua intervenção no debate, Ana Paula, do grupo Verdejar, alertou para um dos problemas crônicos das políticas públicas no Brasil: a descontinuidade, quando se referiu aos mutirões de reflorestamento, em que a comunidade fez a sua parte mas o poder público infelizmente deixou a desejar, no quesito manutenção, citando por exemplo, o mutirão de reflorestamento na rua Sérgio e Silva no Engenho da Rainha, que contou com a ajuda da comunidade convocada pelo Verdejar. " Fizemos a nossa parte, plantamos e capinamos com ajuda da comunidade, mas o reflorestamento foi abandonado e veio um fogo que lambeu simplesmente tudo, tudo que foi construído em três anos, por falta de manutenção e descaso da prefeitura".

Quanto às pedreiras, continua Ana Paula, " apesar das denúncias dos males à saúde da população, principalmente dos bairros Engenho da Rainha e Inhaúma, causados por suas atividades, os auditores da prefeitura continuam achando que está tudo dentro da lei." Permanece sem resposta a pergunta feita em matéria sobre a Serra da Misericórdia na edição do Se Liga no SINAL, número 45, do ano passado: "Será que na França o grupo La Farge (dono da Pedreira Breton Brasil) poderia explorar uma pedreira em área urbana tão densamente povoada, como a região da Leopoldina?"



Alexandre Magno Teixeira de Carvalho e Carla Moura Pereira de Lima

Biblioteca Comunitária Tobias Barreto

O acesso livre ao livro.

Você vai conhecer o Seu Evando, criador da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, uma iniciativa sua que funciona há 4 anos, colocando à disposição da população um acervo que já reúne quase 20 mil volumes. Conheça o Seu Evando. E conheça a Biblioteca.

Rua Augusto Bernachi, número 130, Vila da Penha. Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes. Uma frondosa mangueira ao lado do portão. Um pé de cana-de-açúcar. Um som de serra de ladrilho. Evando Pedreiro aparece na porta da casa, com seu livrinho de cordel saltando do bolso. Segura o bravo cãozinho preto e branco e autoriza nossa entrada. Dezenove mil livros, muitos empilhados por falta de espaço, nos contemplam.

Homem alegre e animado, Seu Evando é pedreiro e construtor de sonhos. Um brasileiro inconformado que ama o seu país. Sergipano, migrante, aprendeu a ler aos 25 anos com a Bíblia. Em 1998 fundou a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto e inspirou a criação de outras quatro: Caxias, Valença, São João de Meriti e Belford Roxo. Recentemente, foi homenageado com um cordel sobre a sua vida e recebeu o título de membro benemérito da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Seu Evando e a biblioteca comunitária chamaram a atenção da TV Globo e do jornal O Dia. Ironicamente, seu empenho na tentativa de divulgar esse importante trabalho comunitário de Educação e Cidadania não sensibilizou a produção do programa "Sem Censura" da TV Educativa, que considerou o assunto um tema menor.

Na cabeça de Seu Evando fervilham idéias e projetos que

"O livro é a mente de Deus nas nossas mãos."

possam melhorar a vida da sua gente. Uma das que mais o empolga é a de se colocar um livro em cada cesta básica. Acha que conseguindo publicar sua idéia numa revista de circulação nacional como a Veja ou a Isto é, poderia vê-la vingar. Mas não é só: sonha com uma biblioteca ambulante, com a "alfabetização em domicílio" e propõe que a palavra "analfabetismo" seja retirada do dicionário e substituída pelo conceito de "intelecto não lapidado", de sua autoria.

"O livro é a mente de Deus nas nossas mãos", diz Seu Evando. Por meio dos livros, garante, "o homem pode reivindicar com sucesso aquilo que lhe é de direito. Sem o livro, só lhe resta a fome, a miséria, o desemprego". E prossegue, citando Tobias Barreto, sobre quem é especialista: "A vida é uma leitura. Ler é lutar".

São muitas, porém, as necessidades. Já não há mais espaço na pequena garagem que abriga os livros. Oscar Niemeyer prometeu que faria o projeto arquitetônico para uma nova biblioteca

comunitária, mas faltam o terreno e a verba para a construção. Idealizou uma biblioteca volante, mas para isso precisa de um carro, ônibus ou caminhão para adaptar. Um computador novo seria bem-vindo para catalogar o acervo e produzir textos.



COMO FUNCIONA A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Na biblioteca Tobias Barreto não há fichas de inscrição, nenhum tipo de cobrança e nenhuma burocracia. A garantia de devolução é a consciência e o coração das pessoas que sentem estar compartilhando algo que é de todos. Evando crê que só com liberdade, sem constrangimentos e com incentivo constante as

pessoas poderão desenvolver "amor pelos livros".

Professores, educadores e técnicos das secretarias municipais e estaduais de Educação e Cultura e do MEC podem incluir em suas agendas visitas a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto para conhecer Seu Evando, seu trabalho e suas idéias. E aprender com ele. O espaço é aberto.





FIQUE POR DENTRO

Horta Comunitária

A Associação de Moradores do Morro do Grotão da Penha cedeu um terreno para a construção de uma horta comunitária e com a assessoria do CEPEL, está sendo planejado um trabalho que integre a comunidade, inclusive as crianças das creches.

Em julho aconteceu na sede do *Sementinha Serviços Comunitários*, um curso de confecção de xampus, sabonetes, pomadas e cremes utilizando plantas medicinais, objetivando preparar as agentes para o trabalho com os produtos da horta.



Práticas Educativas em Saúde

Em agosto, aconteceram em Brasília o "II Seminário sobre Educação e Saúde no Contexto da Promoção de Saúde (seus sujeitos, espaços e abordagens)" e o II Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, que tiveram a participação de 5 integrantes do CEPEL. O Prof. Vitor Valla ministrou o minicurso "Religiosidade e Educação Popular em Saúde" e coordenou diversas mesas-redondas.



Manguinhos em Debate

Aconteceu no dia 1º de julho e foi um marco na história de Manguinhos, o I Encontro de Mulheres do Complexo de Manguinhos Compareceram cerca de 110 mulheres que discutiram sua situação e aspectos da vida em Manguinhos como habitação, saúde, educação e trabalho. O Encontro contou com a assessoria do CEPEL e também com o apoio de diversas instituições locais (COOTRAM, Associação de Moradores do Parque Carlos Chagas, CCDC, CCAP e Promotoras Legais do CRIOLA).

A dinâmica utilizada ajudou no sucesso do evento, que teve momentos lúdicos, trabalho de corpo devidamente articulado aos debates em plenária e trabalhos em grupo, finalizando com um coquetel com direito a música e descontração. No encontro foi decidida a construção de um *Coletivo de Mulheres* que pudesse manter os encontros periódicos dos grupos comunitários, passando a pensar a temática de forma mais coletiva. A motivação foi tanta que já se realizaram dois desses encontros locais: *Comunidade Agrícola e Vila Turismo*, onde dois grupos de mulheres estão sendo reativados e lideranças da comunidade estão sendo convidadas a se integrarem.

CENTRO DE ESTUDOS E
PESQUISAS DA LEOPOLDINA



Av. Brasil, 4036 - sala 907 -
Manguinhos - Cep: 21040-360
Tel: 2590 1998
2590 9122 ramal 307
E. Mail: cepel@alternex.com.br
Rio de Janeiro

Fórum Regional "Acorda Manguinhos"

Demarcando o ápice do processo de constituição de uma estrutura que aglutinasse os moradores do Complexo de Manguinhos, o lançamento do Fórum Regional ocorrido em 21 de junho, no Auditório da ENSP, possibilitou pela primeira vez, que um significativo número de lideranças comunitárias se encontrasse e pudesse se perceber enquanto atores protagonistas desse processo de desenvolvimento.



Formação de monitores: a consolidação de uma experiência

O primeiro Curso de Formação de Monitores do Museu da Vida da FIOCRUZ, iniciado em 1999, consolidou a parceria do Museu com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), através do programa *Jovens Talentos para a Divulgação Científica*. Este é um projeto voltado para jovens de 16 a 22 anos, matriculados no ensino médio de escolas públicas, e trabalha com a auto-estima dos jovens. Deve-se acrescentar o aspecto de educação para a cidadania deste projeto, que garante a parceria entre a instituição pública e a sociedade civil organizada. Assim, a comunidade do entorno da FIOCRUZ tem a oportunidade de se apropriar do espaço institucional, ganhando experiência profissional e legitimidade para apresentar uma instituição de ciência, que até então era de acesso apenas ao trabalho de cientistas, e de visitas de classes sociais mais favorecidas.

O segundo curso dura 24 meses, neste período os monitores aprendem noções de matemática, física, biologia, comunicação e expressão. A tarefa dos monitores, quando atuam como estagiários, é mediar a visitação por vários espaços do Museu da Vida como, Espaço Passado e Presente - Castelo Mourisco, Parque da Ciência, Centro de Recepção, Biodescoberta e Ciência em Cena.

O segundo curso motivou os monitores a continuar estudando e ajudou a criar um espaço próprio de reflexão para a construção coletiva do conhecimento, estimulando a popularização da ciência junto às comunidades de baixa renda.

Os resultados desse trabalho, embora parciais, já contribuem para o processo de crítica, avaliação e reestruturação, visando a construção do terceiro curso.

Informações sobre o curso poderão ser obtidas pelo telefone 2598-4221 e 2590-5192 com Isabel Mendes, do Centro de Educação em Ciências do Museu da Vida/COC/FIOCRUZ.

IMPRESSO

SE
LIGA
NO
Sinal

Se você gostou do SINAL, faça uma assinatura. Você estará contribuindo para a continuidade deste trabalho. Assinatura anual: R\$ 10,00.

NOME: _____

PROFISSÃO: _____

ENDEREÇO: _____

TEL: _____

BAIRRO: _____

CIDADE: _____ CEP: _____